

Lisboa, 23 de Outubro de 1932.

Meu caro Osorio de Oliveira:

A doença, que me inibiu, desculpavelmente, de escrever o artigo sobre Goethe, que lhe promettera, fez tambem, menos desculpavelmente, com que até agora lhe não tenha agradecido o exemplar, que me offereceu, dos Poemas de seu Pae.

Ao agradecer-lh'o enfim, desejo não limitar esta carta ao simples agradecimento. O caso poetico de Paulino de Oliveira offerece, a meu ver, um aspecto curioso, cuja analyse não posso furtar-me a delinear.

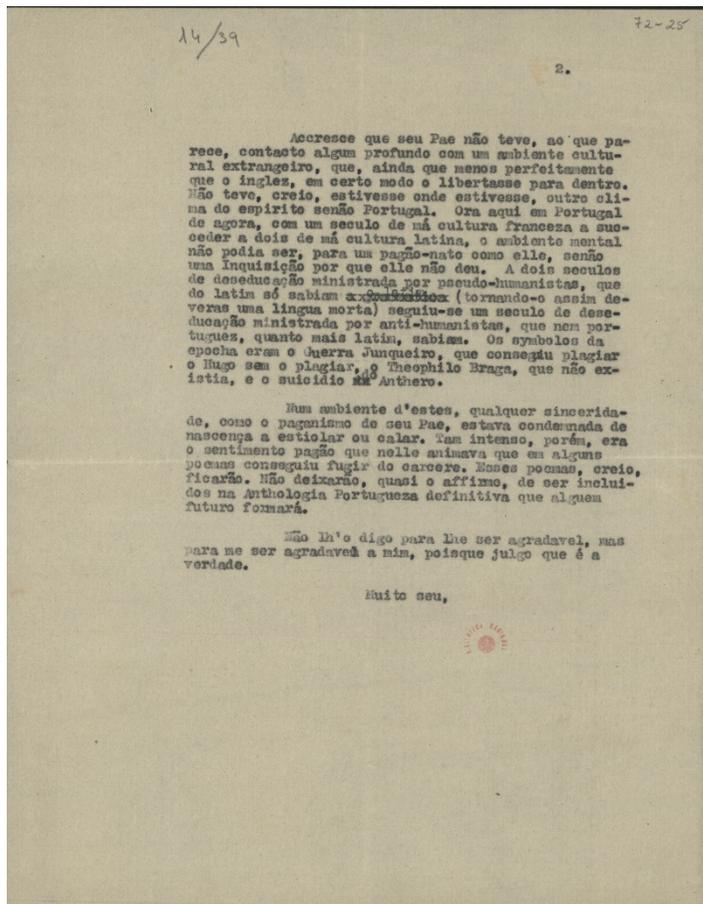
Seu Pae era organicamente um pagão - não um pagão por poesia (como os pseudo-classicos do seculo XVIII), não um pagão por politica poetica (como os que, então ou depois, achavam que fallar em Venus era uma maneira habil de desherdar a Virgem Maria), mas um pagão verdadeiro, sanguineo, sentindo o paganismo vitalmente, vivendo-o no espirito, como qualquer pagão dos tempos pagãos o viveria.

Succede, porém, que Paulino de Oliveira viveu em nosso tempo, que não no de Horacio. E é essa discordancia entre o homem e a epocha que me parece explicar dois dos caracteristicos, a meu ver, distinctivos dos poemas de seu Pae - o tom, mais ou menos audível, de angustia - a angustia do exilio-nato, da intima expatriação -, e o facto de que, tendo elle notaveis, accentuadas, qualidades poeticas, a sua obra não attinge a perfeição, não só formal mas expressiva, a que a Natureza, se não fôra a Sorte, a destinava.

Não é, contudo, o simples caso de não ter nascido no tempo de Augusto que constituiu para seu Pae o estorvo poetico que aponto. Tivesse elle, sem differença de epocha, nascido, ou sido educado, em Inglaterra - onde a cultura é greco-romana com predominancia do espirito grego (já não digo em França, onde o espirito romano, com o que tem de fruste, predomina) -, e tanto bastaria para haver aquella harmonia entre o homem e o ambiente mental sem a qual a obra perfeita é impossivel. Digo "a obra perfeita" com dois sentidos, com uma dupla intenção - a obra perfeita como obra, e a obra perfeita como expressão do homem.

BNP/E3, 72 - 25^o

Transcrição



Accresce que seu Pae não teve, ao que parece, contacto algum profundo com um ambiente cultural estrangeiro, que, ainda que menos perfeitamente que o inglez, em certo modo o libertasse para dentro. Não teve, creio, estivesse onde estivesse, outro clima do espirito senão Portugal. Ora aqui em Portugal de agora, com um seculo de má cultura franceza a succeder a dois de má cultura latina, o ambiente mental não podia ser, para um pagão-nato como elle, senão uma Inquisição por que elle não deu. A dois seculos de deseducação ministrada por pseudo-humanistas, que do latim só sabiam ~~a grammatica~~ o latim (tornando-o assim deveras uma lingua morta) seguiu-se um seculo de deseducação ministrada por anti-humanistas, que nem portuguez, quanto mais latim, sabiam. Os symbolos da epocha eram o Guerra Junqueiro, que conseguiu plagiar o Hugo sem o plagiar, e Theophilo Braga, que não existia, e o suicidio ~~de~~ do Anthero.

Num ambiente d'estes, qualquer sinceridade, como o paganismo de seu Pae, estava condemnada de nascença a estiolar ou calar. Tam intenso, porém, era o sentimento pagão que nelle animava que em alguns poemas conseguiu fugir do carcere. Esses poemas, creio ficarão. Não deixarão, quasi o affirmo, de ser incluídos na Anthologia Portugueza definitiva que alguém futuro formará.

Não lh'o digo para lhe ser agradável, mas para me ser agradável a mim, poisque julgo que é a verdade.

Muito seu,

Muito seu,

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).